

Especial

E LÁ SE VÃO DOIS ANOS DE MUITOS DESAFIOS

A Revista conversou com pessoas que, aos trancos e barrancos, nesses 24 meses de pandemia, reergueram-se e (re)escreveram a própria história

GIOVANNA FISCHBORN E LETÍCIA MOUHAMAD*

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a infecção por covid-19 como uma pandemia. Na época, foi preciso entender o termo, usado para indicar que a doença já havia se estendido por todo o globo. Com o passar do tempo, ficamos sabendo bem o que isso significava.

E entre lutas e conquistas, todos tiveram que dar seu jeitinho. Só cada um entende como foi se adaptar a dias em que pouco se sabia sobre a enfermidade e menos ainda sobre o que um futuro com ela reservava. Foram estragos que, infelizmente, nos acostumamos a ver em números, em balanços diários; outros tantos invisíveis, sentidos por lares em situação de vulne-

rabilidade e no dia a dia dos pequenos negócios.

Com a vacina, a coisa começa a andar. Há de se considerar também que a pandemia ensinou, despertou sonhos e vontades e mudou o senso do agora e do depois, forçando a tirar logo os projetos que estavam no papel — veremos, mais à frente, como se deram esses insights.

Então, dois anos se passaram. E em meio a uma temporada que tenta recuperar o otimismo, nada mais justo do que contar histórias de pessoas que deram um salto significativo rumo ao desenvolvimento pessoal, se encontraram e estão cada vez mais realizadas com as escolhas que fizeram.

Elas não perderam a esperança (ah, a tão falada esperança) e mudaram o que há tempos ansiavam fazer.

Jéssica Cardozo contou com a inspiração da filha, Emily Santos, para mudar de profissão durante a pandemia



“Quero que meu trabalho mude o mundo”

A história de Jéssica Cardozo, 27 anos, é do nível “da água para o vinho”. O emprego em um hotel de rede internacional até ia bem. Jéssica era reconhecida e tinha perspectivas de crescimento dentro da empresa. Podia até mudar de país se seguisse na hotelaria. Em 2019, paralelamente ao trabalho, decidiu voltar aos estudos e optou pelo curso de biologia.

Então, chega a vida com a covid-19. O hotel em que ela trabalhava ficou fechado por um tempo. Alguns funcionários foram dispensados. Jéssica, que tinha estabilidade, passou a trabalhar remotamente. Mal sabia ela que esse seria o início para um despertar. Acompanhando a filha de 9 anos, Emily Santos, nas atividades on-line da escola, percebeu a importância da educação no dia a dia das famílias. E mais próxima da rotina escolar da pequena, tomou gosto pela área.

A turismóloga de formação resolveu dar uma virada na carreira: “Tinha estabilidade no meu empre-

go, mas me sentia frustrada. Queria fazer algo que fizesse sentido à vida. A pandemia deu essa sensação de que nada é permanente. Aí, me joguei porque queria que meu trabalho tivesse um impacto no mundo.”

Em 2021, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma escola, uma vontade que já dava as caras antes, quando decidiu estudar biologia. Assim, iniciou como analista de relacionamento, um cargo comercial, mas que diz muito sobre acolhimento. Jéssica cuida das famílias, da proposta pedagógica e admissões do colégio.

Lá, conseguiu aproveitar a experiência em atendimento ao público do emprego anterior, mas, fora isso, pode-se dizer que saltou para bem longe do terreno da hotelaria. “Agora, estou em uma posição que nunca imaginei. Quando comecei, ganhava menos do que quando trabalhava no hotel. Lembro que meu chefe ficou surpreso quando pedi para largar, mas tudo foi fazendo sentido”.